

A INTERDISCURSIVIDADE PRESENTE NO CONTO “JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO” E O FILME “JACK, O CAÇADOR DE GIGANTES”: um estudo possível.

Meirydianne Chrystina de Almeida Santos¹

Prof^a. Dr^a Stela Maria Viana Lima Brito²

RESUMO

O trabalho com o texto literário nas escolas deve ser pensado diante do novo contexto em que esta se encontra atualmente. Nossa sociedade está permeada pelo uso constante da palavra escrita. Paralelo a esse movimento está o desenvolvimento massivo dos meios de comunicação e das novas tecnologias. Nesse cenário, as práticas de ensino na escola devem estar voltadas para a formação do estudante enquanto cidadão da cultura da escrita. Ao considerar que é a escola o lugar em que o estudante encontra-se imerso nas atividades de leitura e escrita, pode-se afirmar que o ensino do texto literário e da leitura da literatura são também objetivos da educação formal, uma vez que também constituem práticas de leitura e escrita e oportunizam ao estudante o domínio da palavra. Assim, o presente trabalho descreve o estudo com o texto literário na escola, mais especificamente no ensino fundamental. Neste estudo, apresenta-se o embasamento teórico que fundamenta o ensino do texto literário na escola. Na perspectiva do ensino com o texto literário, o artigo expõe uma proposta para o trabalho com contos, a partir da interdiscursividade. Para tanto, o trabalho utilizou como base o conto “João e o pé de feijão”, obra dos irmãos Grimm, em discurso com o filme “Jack, o caçador de gigantes”. A descrição apresenta o trabalho feito com o conto e com o filme em uma sala de aula do 7º ano do ensino fundamental, de uma escola pública, em Codó – MA. Com este trabalho, espera-se mostrar que é possível trabalhar o texto literário na escola e relacioná-lo com outras linguagens como cinema. Pretende-se mostrar com este trabalho a importância do ensino e da leitura do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa e apresenta uma proposta de atividade de leitura do texto literário, análise e produção oral e escrita sobre ele.

Palavras-chave: Texto literário. Leitura. Ensino. Interdiscursividade.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí, pós-graduanda em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão, especialista em Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade Rio Sono (Araguaína – Tocantins), graduada em Letras (Português / Inglês) pela Faculdade Latino-Americana de Educação, graduada em Teologia pela Faculdade Kurios. Professora da educação básica, na rede pública e privada de ensino e de ensino superior na rede privada. E-mail: meirydianne@hotmail.com

² Stela Maria Viana Lima Brito, Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia do Recife, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Faculdade de Patrocínio (MG), Mestre em Teoria da Literatura (UFPE), Doutora em Linguística, pela UFPB. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí, professora Programa Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS Coordenadora do Subprojeto Letras/Português do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UESPI, Coordenadora de Especialização em Estudos Linguísticos e Literário.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são práticas sociais que estão constantemente presentes na vida das pessoas. Esse argumento reforça a importância delas na vida das pessoas bem como em sua formação intelectual. É nesse contexto que a escola surge como mediadora desse processo.

É interesse da escola a formação de leitores que sejam capazes de usar as práticas de leitura e escrita com diversas finalidades: ler para informar-se, para divertir-se, para aprender, para transmitir informação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997) também trazem este objetivo a ser alcançado pela escola no que diz respeito ao ensino de leitura e escrita: a formação de leitores competentes, quer seja para atividades comuns do dia a dia, quer para atividades que envolvam atos complexos de exercício da cidadania.

Nessa concepção, Colomer (2007), ao falar sobre os objetivos envolvidos na formação do leitor literário aponta que é missão da escola formar estudantes como “cidadãos da cultura escrita” e que a o propósito do ensino do texto literário pode-se resumir na formação do leitor competente.

Cosson (2010) afirma que se deve reivindicar um lugar para a literatura em sala de aula. Sua visão corrobora com a de Colomer (2007) quando este autor diz que “antes mesmo de essas práticas serem assim denominadas e adquirirem o sentido que possuem hoje para nós, *a literatura já era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas*”. (grifo meu)

Leal e Albuquerque (2010), ao falar sobre o trabalho com a literatura na escola dizem que “a escola pode ajudar a construir motivações para que o ato de ler seja mais do que uma exigência escolar. Assim, além de a escola contribuir para a leiturização da comunidade, pode agir de modo a criar um ambiente leitor cada vez mais ampliado”.

Assim, o trabalho com a leitura e o ensino do texto literário é uma prática que se faz necessária. Mas o autor observa ainda que a tradição escolar vigente no ensino da literatura não conseguiu acompanhar as mudanças sociais, fazendo com que houvesse um encurtamento da presença da literatura no contexto escolar.

Desse modo, é imprescindível que a escola favoreça experiências planejadas de introdução dos estudantes na literatura. Nessa perspectiva, este trabalho

apresenta uma possibilidade de atividade com o texto literário e sua relação com outras linguagens, como a do cinema, por exemplo. O trabalho foi desenvolvido junto a 43 estudantes de uma turma de 7º ano do ensino fundamental, em uma escola pública, da cidade de Codó - MA.

O trabalho consistiu primeiramente, na exposição aos alunos de livros variados para que o aluno lesse o que quisesse ler. A proposta era a de uma leitura, em horário normal de aula, por fruição estética. Ao final, da proposta, os alunos perguntaram o que era pra fazer com o que leram.

Cada estudante falou um pouco sobre o livro que, fez a sua exposição oral à turma e, no final, foi lançada a proposta da pesquisa de um dos livros: João e o pé de feijão – dos Irmãos Grimm. Solicitou-se aos alunos que pesquisassem na internet o texto da obra na íntegra. E com base nessa pesquisa, procedeu-se à atividade que será detalhada a seguir.

2 O ENSINO E A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA

A leitura dos textos literários oferece aos leitores a capacidade de enxergar a realidade de modo mais claro. Isso faz com que as possibilidades de interpretação da realidade saiam para além do leitor, quando este pode, através da leitura, conhecer e compartilhar várias situações da experiência humana.

Segundo Silva e Martins (2010), as atividades de leitura que o leitor consegue desenvolver “são sempre ações históricas e culturais, aprendidas no seio da comunidade de origem – na família, na vizinhança -, em contextos institucionais como a creche, a escola, a biblioteca, os centros culturais”.

As mesmas autoras afirmam que a leitura que é feita nas escolas tem uma característica própria e é monitorada por programas de ensino. Segundo elas, essa é a causa de haver tantos leitores pouco proficientes, com número reduzido de leituras.

Coelho (2000) corrobora a visão dos demais autores ao defender que “a escola é o espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro”. A autora afirma que é nesse contexto que são lançados os fundamentos para a formação do indivíduo.

Cosson (2010) nos orienta a respeito deste trabalho ao afirmar que é na sala de aula o lugar em que a literatura deve ganhar espaço. O texto e a leitura do texto literário devem ter seu lugar na escola. Para ele, o início de todo o trabalho deve ser a motivação para o contato com a obra.

Isso confirma a proposta de Sim-sim (2007), quando, em suas estratégias de leitura, a autora expõe que um dos primeiros procedimentos é explicar aos estudantes o objetivo da leitura e motivá-los para tal atividade.

Em um trabalho recente desenvolvido em sala de aula por esta que vos escreve, trabalhava-se com o poema de sete faces, de Carlos Drummond de Andrade. Fez-se a leitura inicial e apresentou-se a versão deste poema, a de Adélia Prado (Com licença poética). Em seguida, solicitou-se que cada estudante fizesse a sua versão do poema. Para motivá-los nessa tarefa, a professora M.C.A. S fez duas versões suas do poema para que os estudantes também fizessem as suas.

Nesse contexto, as questões norteadoras de um trabalho voltado à formação da capacidade leitora do indivíduo devem embasar os objetivos escolares do ensino do texto literário.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Língua Portuguesa, para o ensino fundamental II, propõem que as atividades de trabalho com o texto literário sejam práticas correntes em sala de aula, pelo fato de a literatura ser também uma forma de conhecer. Esse documento aponta a perspectiva de que “essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário”. (BRASIL: 1997)

Os Parâmetros colocam o ensino da literatura e do texto literário como sendo feitos de forma compartimentalizada e apresentam as contribuições do trabalho com a leitura e o ensino do texto literário.

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para **a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (grifo meu)** (BRASIL: 1997)

Dentre um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental, os PCN evidenciam a importância de “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Pode-se observar com recorrência no ambiente escolar e na sala de aula que, de modo geral, o texto literário é usado muitas vezes como pretexto para ensino gramatical e análise textual direcionada. Por outro lado, há o problema de se confundir a leitura por prazer com uma leitura de passatempo. Conforme Cosson (2007) “os defensores do mero prazer, por vezes, são contraditórios, pois o único valor que atribuem à literatura é o reforço das habilidades linguísticas”

3 A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE A LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

O ensino de literatura, ao abordar as diversas escolas literárias que formaram o conjunto de obras literárias, aponta para a existência de uma literatura multicultural. Algumas escolas / estilos tiveram maior representatividade em prosa (textos narrativos); outras, no teatro; outras, ainda, na pintura; outras, na poesia.

Desse modo, a literatura enquanto expressão do pensamento na sua forma escrita deve ser ensinada de modo a promover a leitura, comentários ou interpretações que estimulem nos estudantes a sensibilidade, o senso crítico, a capacidade argumentativa, e sejam assim susceptíveis de lançar alguma luz sobre essa realidade indefinível a que chamamos universo literário.

A literatura está presente no nosso cotidiano. Às vezes quando lemos uma obra percebemos o quanto ela é carregada de significado. A música nos inspira sensibilidade. A pintura revela através de cores, os estados de espírito de quem a fez. Mesmo ao ouvir uma música podemos perceber que aquela música estabelece intertextualidade com algum texto já lido em poemas e músicas. A arte, em especial a literatura, tem a função de nos transportar para o mundo da fantasia, da imaginação, ajudando-nos a enfrentar a realidade, muitas vezes dura.

Essa ligação entre a literatura e outras formas de arte existe desde quando se conhece a historiografia da literatura. No Trovadorismo, a ligação entre poesia e música pode ser percebida nas cantigas. Mais tarde, no Humanismo vemos essa conexão outra vez representada nas obras de Gil Vicente, reforçando a concepção de que, desde muito tempo, a literatura esteve estritamente vinculada a outras formas de expressão artística.

A interdiscursividade existente entre a literatura e outras linguagens pode ser ilustrada em meio ao grande avanço do mercado editorial, principalmente no Brasil. A publicação escrita de filmes, que são depois foram transformados em livros e vice-versa, tem levado a população, em especial o público adolescente a consumir mais literatura deste tipo.

Moisés (2003: 21-22) é uma forma bem sucinta de definição de literatura enquanto objeto concreto e como forma primordial de conhecer uma obra literária: através da leitura.

Pois não temos outro jeito de conhecer uma obra literária sem que esteja transcrito no papel, com vistas à leitura. Na verdade, quando falamos em uma obra literária pensamos em um objeto concreto, palpável e não numa sequência de massas sonoras.

Por outro lado, ao atualizar a temática das relações da literatura com outras linguagens, Moriconi (2005) é mais incisivo ao falar do processo de mundialização que as tecnologias levaram para a produção de literatura e de suas formas vinculadas de arte.

Já pontuamos aqui de forma passageira, o fato de a Literatura também sofrer influências do processo de mundialização acarretado pelo avanço das tecnologias da informação e sua conseqüente quebra de barreiras espaço-temporais.

Com este mesmo avanço tecnológico, a produção textual, e, por sua vez, a produção de literatura tem crescido bastante através da internet. Nunca as pessoas usaram tanto a “palavra” para expressar seus pensamentos e estados de espírito. As redes sociais possibilitaram a ampliação da capacidade comunicativa das pessoas. Os blogs, perfis pessoais no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, aplicativos como *Whatsapp*, mensagens de texto. As pessoas escrevem com mais rapidez e escrevem com mais frequência. É isto que afirma Costa (2005):

Ao invés da instantaneidade, poderíamos, então, considerar que o que diferencia a Nova Literatura, calcada nas páginas eletrônicas, é o caráter dialógico entre escritor e leitores. O que, apesar de agora estar intensificado, não se trata necessariamente de uma novidade.

Para confirmar o caráter relacionador da literatura com outras formas de expressão artística, Pellegrini (2003, p. 34) ao falar sobre a literatura e as outras formas de arte expressa sua concepção ao afirmar que:

Literatura é arte, cinema é arte, independentemente de suas trajetórias históricas e sociais, independentemente de suas naturezas e especificidades, sem questionamentos ou juízo de valor. Em ambas há mediocridades e verdadeiras obras primas, por isso são expressões concretas da condição humana. É importante pensar a partir desse complexo jogo de relações entre essas formas representativas do sentir, criar e fazer do homem.

Assim, pode-se perceber que um ensino de Literatura produtivo é aquele que almeja, a todo custo, a formação de leitores. Contudo, é necessário discutir os domínios da Literatura como componente curricular e é notadamente relevante o papel de outras linguagens associadas ao ensino de Literatura na escola numa proposta híbrida e interdisciplinar dentro do próprio campo artístico.

3.1 A INTERDISCURSIVIDADE PRESENTE NO CONTO “JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO” E O FILME “JACK, O CAÇADOR DE GIGANTES”: um estudo possível.

3.1.1 O gênero conto

O gênero textual escolhido, o conto é caracterizado por ser um texto oriundo de ambientes variados, o qual possibilita a criação fictícia de um universo de personagens (ou seres) e fatos fictícios. Também se caracteriza por abordar as temáticas comuns na vida das pessoas.

Na definição apresentada por Vieira e Fernandes (2010), a palavra conto é uma narrativa curta, que pode se manifestar na modalidade oral ou escrita. Nessa concepção, narrar é “uma forma de ver o mundo”.

Dentre as características composições do gênero está a brevidade. Sua estrutura é simples, de tema único, número reduzido de personagens (os quais podem ser das mais diversas naturezas: humanos, fantásticos, encantados, plantas, etc).

Bosi (1975, p.31) defende em sua apresentação sobre o conto brasileiro contemporâneo como se dá o funcionamento do conto ao compará-lo com um “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. Geralmente, esse gênero textual explica conflitos humanos e incitam questionamentos a respeito da vida de cada indivíduo.

Segundo Vieira e Fernandes (2010), os contos têm importância significativa na formação da criança, por serem estes o primeiro contato delas com o texto literário. Assim, atividades de leitura ou de escuta de contos despertam na criança a organização do pensamento lógico, desenvolvimento da imaginação e maior capacidade de concentração.

Cortázar (1974 *apud* SILVA, 2012) apresenta-nos uma definição aproximada do gênero “conto” ao estudar sobre Edgar Alain Poe. No trabalho são apresentadas três acepções de “conto”: A primeira enquanto relato de um acontecimento; a segunda, como narração oral ou escrita de um acontecimento falso; e na terceira e última definição, o conto é uma fábula que se conta às crianças para diverti-las.

Com isso, as definições propostas carregam de semelhante o fato de o conto ser um modo de contar alguma coisa, e serem, portanto são narrativas. (SILVA: 2012).

O trabalho proposto nesta sequência didática tem como base as etapas apresentadas por Cosson (2007) as quais norteiam o trabalho com o texto literário partindo da motivação para a leitura, introdução, leitura e interpretação do que foi lido. Neste trabalho, além de estabelecer o contato com o gênero conto, a obra “João e o pé de feijão”, dos Irmãos Grimm, será situada em outro discurso: o cinema.

3.1.2 O conto João e o pé de feijão: a obra escrita



O trabalho iniciou com a apresentação de livros diversos aos alunos. Cada um escolheria o livro que quisesse ler, sem ter a obrigação de cumprir com uma tarefa específica. Em seguida, foi proposta a apresentação oral do livro lido, em que cada estudante fizesse sua avaliação sobre a obra lida.

Como o gênero que estava sendo estudado era o conto, escolhemos depois o conto João e o pé de feijão, para a leitura na íntegra. Solicitou-se aos estudantes que pesquisassem o texto do conto e, na aula seguinte, fosse feita a leitura e a troca do material com o colega.

Também foi feito o estudo dos elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço, narrador) para que, depois fossem comparados com outra versão da obra, a qual seria apresentada em outro momento da aula.

3.1.3 O filme “Jack, o caçador de gigantes”: a interdiscursividade



Em um sábado letivo, após a leitura do conto “João e o pé de feijão” (Irmãos Grimm), apresentou-se aos estudantes o filme “Jack, o caçador de gigantes”, obra paralela ao conto lido.

Os estudantes deveriam observar o desenrolar do enredo, os personagens e verificar as semelhanças e divergências com a obra estudada anteriormente.

No filme, os estudantes perceberam a primeira divergência: o nome do personagem protagonista. Em seguida, observaram que, no conto, João troca uma vaquinha da família por feijões, ao passo que no filme é um cavalo que é trocado pelos feijões. Outro ponto observado foi que, na obra escrita, João é criado pela mãe, enquanto no filme, Jack (Nicholas Hoult) é criado pelo tio. Além disso, dentre as semelhanças encontradas estão os gigantes e o pé de feijão.

A sinopse do filme nos oferece uma visão geral do que é a obra. Jack (Nicholas Hoult) é um fazendeiro que consegue trocar o animal da família por grãos de feijão, recebendo a ordem restrita de não molhá-los. Mas, em um dia de chuva, os grãos caem acidentalmente. Jack pensa ter recolhido todos antes de serem molhados, mas um grão não foi recolhido e entrou em contato com a água da chuva. Um grande pé de feijão cresce e vai para no mundo dos gigantes. Em meio a tudo isso, a princesa Isabelle (Eleanor Tomlinson) é sequestrada pelos gigantes e Jack se unirá ao Rei (Ian McShane) numa cruzada para a salvar a jovem.

Após o trabalho com as duas obras, solicitou-se aos alunos que, oralmente expusessem as diferenças e semelhanças que observaram no conto e no filme. Feita essa parte do trabalho, solicitou-se aos estudantes que organizassem suas ideias em um texto para ser escrito por eles e entregue à professora como uma das etapas da avaliação deste trabalho.

O enunciado da proposta de produção solicitava:

Comente em um texto as semelhanças e diferenças observadas no conto "João e o pé de feijão" e o filme "Jack, o caçador de gigantes". Não se esqueça de dizer no final de qual deles você gostou mais e por que.

Amostra de dois textos produzidos pelos alunos:

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Unidade, I. M. E. Estavam Ângela de Sousa
 Cedo: 28 de abril de 2015
 Prof: Neiridiane
 Aluno: Herbert Ricardo

Trabalho de Português

CONTÓ: João e o pé de feijão
 FILME: Jack, o caçador de gigantes.

No conto de João e o pé de feijão, tem o pé de feijão, um gigante, uma galinha que bota ovo de ouro, uma arpa, uma vaca, o comerciante e a mãe. O João vende a vaca o comerciante compra em troca de feijão a mãe joga os feijões no chão e feijão cresce João sobe vai até um castelo onde morava um gigante ele pegou a galinha que bota ovo de ouro e a arpa o gigante corre corre atrás do João quando João chega no chão e corta a planta.

Agora do Jack o tio, a princesa, muitos gigantes, cavalheiros, o rei, o pé de feijão e tio manda o Jack vende o cavalo e Jack foi vender o cavalo no castelo posto fala com Jack para ficar com um cavalo em troca do feijão o tio fica bravo e jogar no chão a princesa chega a e cordeiro para o céu o rei manda que os cavaleiros sobe para rugatar a princesa quando os gigantes vão chegar na terra o Jack usa a corvea.

FÓRONI

U. J. M. E. Estavam Ângela de Sousa
 Cedo: 28 de abril de 2015
 nome: Janaila Maria
 professora: Neiridiane cristiano

Exercice o texto do filme e do conto

No filme a diferença é que o Jack mata os gigantes. Os gigantes. O João só pega o ouro e ele semelhante nas duas histórias é o pé de feijão e a terra dos gigantes. O Jack troca o cavalo o cavalo pelas feijão. O João troca a vaca pelas feijão isso é uma diferença. outra semelhança é os feijões magueio. uma outra é que Jack mora com seu tio. E o João mora com sua mãe. uma diferença é que João pega ouro. E o Jack que palomras a princesa. Eu gostei mais do filme porque no Jack para salvar a princesa ele sobe no pé de feijão para enfrentar dezmos de gigantes mas ele tinha medo de altura e para pender esse medo tem que salvar sua amada e recuperar a corvea das mãos do noivo da princesa.

Neiridiane

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu reforçar a visão de que o trabalho com o texto literário, tanto seu ensino quanto sua leitura tem grande relevância no contexto escolar. Admite-se aqui a concepção de que este trabalho não deve se restringir ao Ensino Médio, muito menos ao mero conhecimento da historiografia da literatura.

Concebê-la enquanto um bem cultural que possibilita o acesso a outra forma de conhecimento é trabalhar com uma proposta pedagógica voltada ao letramento literário no sentido de oportunizar o contato entre o estudante e o texto literário. São inúmeros os conhecimentos advindos da prática constante da leitura, em especial de textos literários: desenvolver a escrita, melhorar o senso crítico, ampliar a capacidade leitora, ampliar vocabulário, adquirir capital cultural.

É por essas razões que se faz necessário o trabalho com a literatura em sala de aula. Ela apresenta-se como veículo capaz de criar e socializar valores. Conforme apresentado nos PCN de Língua Portuguesa, um dos objetivos do ensino é o de “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Por isso, para uma educação que tenha como foco a formação de um cidadão crítico, responsável e atuante na sociedade, faz-se necessário o acesso à literatura como direito e bem cultural, já que nossa sociedade está imersa nas trocas de informações que acontecem constantemente, seja por meio oral ou por meio da escrita.

Assim, o trabalho com leitura e escrita na escola pode possibilitar ao estudante o desenvolvimento das capacidades leitoras. Por outro lado, há que se pensar sobre o que afirma Colomer ao dizer que, nesse sentido a formação de professores ainda é muito deficiente do ponto de vista literário.

Com a sequência didática descrita neste trabalho, pretende-se mostrar que o trabalho com a leitura e o ensino do texto literários são, como o título deste artigo sugere, estudos possíveis. Através dos contos (e de tantos outros gêneros) é possível pensar uma intervenção mediadora da leitura em sala de aula e ainda estabelecer relações entre ela e outros tipos de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRASIL (1997) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. – 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. – São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. O espaço da literatura na sala de aula. In: **Literatura: Coleção explorando o ensino, volume 20**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSTA, C. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil**. 1994-2004, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

LEAL, Telma Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Literatura e formação de leitores na escola. In: **Literatura: Coleção explorando o ensino, volume 20**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Poesia**, 17 ed., São Paulo: Cultrix, 2008.

MORICONI, I. **Circuitos contemporâneos do literário**. In centro de Estudos Virgínia Cortez Lacerda. Gpesq / Cnpq. Vida Literária, Rio de Janeiro, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. **Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações**. In. Literatura, Cinema e Televisão. São Paulo: Senac, 2003.

SILVA, Márcia Cabral da. MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: **Literatura: Coleção explorando o ensino, volume 20**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, Maria Francisca da. **Uma experiência de leitura do gênero “conto” nas aulas de Espanhol Língua Estrangeira em uma escola pública de Roraima**. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SIM-SIM, Inês. **O ensino da leitura: a compreensão de textos**. Ministério da Educação e Cultura, 2007.

VIEIRA, Adriana Silene. FERNANDES, Célia Regina Delácio. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: **Literatura: Coleção explorando o**

ensino, volume 20. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.